Preço € 1,00. Número atrasado € 2,00

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

Unicuique suum *Non praevalebunt*

Ano XLVII, número 17 (2.411) Cidade do Vaticano quinta-feira 28 de abril de 2016

Francisco celebrou o jubileu dos adolescentes

A felicidade não é uma app

E no Regina caeli renovou o apelo a favor dos sequestrados na Síria

«A vossa felicidade não tem preço e não se comercializa: não é uma "app" que se descarrega no telemóvel» recordou o Papa aos muitíssimos adolescentes reunidos na praça de São Pedro na manhã de domingo, 24 de abril, para a celebração eucarística que constituiu o ápice dos três dias jubilares vividos pelos jovens de todo o mundo em Roma. Com uma homilia simples e direta, rica de indicações e referências à experiência diária dos jovens, Francisco relançou a ordem do amor cristão: não aquele «nas nuvens» nem de «telenovela» – explicou – mas o «concreto» que Jesus ensina. Um amor, frisou, «não fácil, importante», que «é trabalhoso», mas que no final «torna felizes».

Para o Pontífice amar significa sobretudo doar: «não só algo material – especificou – mas de si mesmo: o próprio tempo, a própria amizade». Trata-se substancialmente de «querer bem sem possuir», deixando livres os outros e testemunhando pessoalmente «a liberdade de poder escolher o bem». Um compromisso a viver com «escolhas corajosas e fortes» que evitem a «mediocridade» e estimulem a «responsabilidade».

No final da missa, durante o Regina caeli, o Papa renovou o apelo a favor dos bispos, sacerdotes e religiosos, cristãos e ortodoxos, sequestrados na Síria.

Da necessidade de viver a misericórdia nas relações com os outros o Papa falou na parte da tarde, indo à Villa Borghese para se encontrar com os protagonistas da Mariápolis de Roma, organizada pelo movimento dos Focolares. E lançara também na mensagem vídeo transmitida na noite de sábado aos adolescentes protagonistas do jubileu, reunidos no estádio Olímpico de Roma para uma noitada de festa e de testemunho, um convite ao perdão. A 16 deles, durante a manhã, o Pontífice administrara o sacramento da confissão na praça de São Pedro.

Páginas 8 a 10

O Papa na Villa Borghese

Visita surpresa

Maria Voce*

Foi a primeira vez que um Papa participou na Mariapólis e isto fez-me recordar o que ouvi Chiara Lubich repetir muitas vezes para descrever o efeito que lhe provocavam a visita e as palavras de um bispo nas Mariápolis. Reconhecia nelas «um valor, uma unção» que as diversificava daquelas de outra pessoa, mesmo teólogo ou santo, e a percepção de que com a sua presença a «cidade de Maria» alcançasse o cumprimento: se tornasse «cidade Igreja».

Assim aconteceu, na plenitude, com a visita não programada do Papa Francisco à Aldeia pela Terra na Villa Borghese, onde, em colaboração com o evento de Earth Day Itália, se realizava a Mariápolis de Roma que contudo não se limita à capital. Deste modo, cada Mariápolis que se realiza e se realizará no mundo – e são centenas – sentir-se-á observada e amada da mesma maneira.

Aquele seu modo de falar improvisado, desde o início pondo de lado o discurso preparado, era como dizer: comovestes o meu coração e devo responder ao que me dissestes. E as suas palavras nítidas, luminosas, não eram só reconhecimento pelo compromisso e pela ação daqueles que lhe falaram, mas tinham o sabor de um programa para o futuro: nelas retornavam como ideia forte o prodígio e a possibilidade de transformar o deserto em floresta.

Causou-me comoção o facto de ele dizer com vigor que o que vale é anunciar a vida. Não fazer programas e ficar prisioneiros deles, mas ir ao encontro da vida assim como é, com a sua desordem e os seus conflitos, sem temor, enfrentando os riscos e colhendo as oportunidades. Para conhecer a realidade com o coração é preciso aproximar-nos. É assim que se realizam os milagres: desertos, os mais variados, que se transfor-

Continua na página 2

Na vida dos povos latino-americanos

Chegou a hora dos leigos

Na vida dos povos latino-americanos «chegou a hora dos leigos, mas «parece que o relógio parou»: escreveu o Pontífice ao cardeal Marc Ouellet numa carta que reúne e aprofunda as reflexões que nasceram na plenária da Pontifícia comissão para a América Latina, presidida pelo purpurado no passado mês de março sobre o tema do «compromisso dos leigos na vida pública». Tema que para o Santo Padre exige dos pastores a capacidade de «servir melhor o santo povo fiel de Deus», evitando o risco de teorizações contidas em «frases bonitas que não conseguem apoiar a vida das nossas comunidades».

O Papa releva que na América Latina a «pastoral popular» representou «um dos poucos espaços em que o povo de Deus se libertou da influência do clericalismo». E evidenciou que «a fé do nosso povo, as suas orientações, buscas, desejos, anseios, acabam por nos manifestar uma genuína presença do Espírito».

Página 5

Com a Cáritas das dioceses italianas

Em prol dos pobres

Página 3

Audiência geral

Quem é o próximo

Cada homem pode «tornar-se o próximo de quem se encontra em necessidade», contanto que no coração haja «compaixão, isto é, a capacidade de sofrer com o outro». É uma certeza consoladora a que o Papa Francisco tirou da releitura da parábola do bom samaritano, durante a audiência geral de quarta-feira, 27 de abril. Prosseguindo com os fiéis presentes na praça de São Pedro as catequeses sobre o tema da misericórdia ligado ao jubileu extraordinário, o Pontífice ofereceu uma reflexão sobre a atualidade do famoso trecho evangélico de Lucas (10, 25-37).

Página 16

Esperança entre as ruínas

As colunas de Palmira

Michail B. Piotrovskij na página 6

Exortação «Amoris laetitia» entre Newman e Paulo VI

A doutrina e a fé cristã

MAURIZIO GRONCHI

«Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que com possuir espaços» (*Evangelii gaudium*, 223). Esta expressão do Papa Francisco, utilizada na sua primeira exortação apostólica, tornou-se mais clara na segunda: «O que interessa acima de tudo é gerar no filho, com muito amor, processos de amadurecimento da sua liberdade, de preparação, de crescimento integral, de cultivo da autêntica autonomia» (*Amoris laetitia*, 261). Educar os filhos para a responsabilidade e a liberdade é quanto se exige de um pai e de uma mãe.

A Igreja sente como sua esta responsabilidade educacional: deseja que os filhos de Deus amadureçam na liberdade, na alegria do amor, não no receio do castigo. O último documento papal brota do coração maternal da Igreja, que olha para todos os seus filhos, chamados a amar, com os olhos cheios do amor de Jesus. Nesta perspetiva é possível compreender todo o texto pontifício, reconhecendo-lhe uma prioridade pedagógica que, longe de ser condescendente, aumenta a aposta: «Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida» (*Amoris laetitia*, 325).

Ao longo dos séculos, a Igreja preservou com grande cuidado e determinação o âmago da sua fé — o Senhor Jesus, morto e ressuscitado por todos — através do convite constante a nutrir o olhar da fé com a caridade em relação ao próximo. A profissão de fé e a existência do amor foram sempre sentidas como realidades inseparáveis. Enquanto ao longo dos tempos acontecia que ocupava espaços (por exemplo, com o império cristão), no entanto desencadearam-se sempre novos processos de conversão que impediram ao rio da tradição de se estagnar nas bacias pantanosas onde a substância viva do Evangelho corria o risco de se turvar.

Os processos da vida e aqueles do pensamento do crente caminham a par e passo: um exemplo disto é o luminoso testemunho do beato John Henry Newman, que escrevia: «Aqui na terra, viver é mudar, e a perfeição consiste no resultado de muitas transformações» (*O desenvolvimento da doutrina cristã*). No dia 28 de abril de 1990, um século após o falecimento do beato, o cardeal Ratzinger explicava o nexo intrínseco entre o desenvolvimento da doutrina e aquele da vida cristã: «Na ideia do desenvolvimento Newman expôs a sua experiência pessoal de uma conversão jamais completada, oferecendo-nos desta forma a interpretação não somente do caminho da doutrina cristã, mas também da vida cristã».

A exortação *Amoris laetitia* convida quantos a lerem a conjugar doutrina e vida no horizonte dinâmico da graça, que leva a Igreja a um compreensão experimental mais profunda do amor de Deus derramado pelo Espírito no coração dos crentes. Há meio século, com a constituição *Mirifici eventus*, Paulo VI proclamava um Jubileu extraordinário a fim de que o Concílio pudesse frutificar espiritualmente e arraigar-se de modo efetivo em cada Igreja local, ao redor do bispo.

E no dia 23 de abril de 1966, numa homilia para o Jubileu extraordinário, o Papa teve o cuidado de recordar a confirmação da autêntica tradição de verdade e de costumes, que o Vaticano II trazia em si: «À primeira vista, esta confirmação não se parece com uma reforma, porque em vez de mudanças produz renovação, mas sob muitos aspetos a renovação é a reforma mais genuína, é aquela que se realiza nos espíritos mais do que nas coisas, nas mentes esquecidas, nas almas céticas, nos espíritos cansadas, nos ânimos superficiais, nos espíritos que flutuam a qualquer vento de opinião moderna (cf. *Eph.*, 4, 14), recordando que a verdade divina não muda, que é sempre fecunda de luz e de vida para quantos a acolhem com docilidade».

Estes segmentos preciosos da tradição mais recente permitem-nos receber a *Amoris laetitia* com a consciência de que a imutabilidade da fé e o desenvolvimento doutrinal não se opõem entre si. Pelo contrário, segundo uma ideia querida ao cardeal Newman, uma conservação fiel dos princípios imutáveis da fé só é possível se promovermos o desenvolvimento de todas as suas virtualidades.

Visita surpresa

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

mam em florestas. O Papa Francisco possui a força da palavra. As suas imagens não se cancelam da mente nem do coração.

Juntos entre diversos: pessoas, grupos, associações. O Pontífice repetiu-o várias vezes porque para ele é importante e lhe dá alegria. O espetáculo humano na Villa Borghese nasceu de uma pergunta: por que não realizar a Mariápolis no coração de Roma? Por que não procurar fazer um enxerto de fraternidade, talvez pequeno mas concreto, nas ruas da cidade? Roma — sabemos — chora tantas feridas e sofre por muitas fragilidades, mas também vive de uma riqueza incrível: todo o bem que se pratica aqui.

Quando o Papa proclamou o Ano da Misericórdia pensámos nas muitas associações que trabalham na cidade, com ou sem referência religiosa, mas que «praticam a misericórdia». Quase um caso o encontro com Earth Day, que se ocupa da tutela da criação e trabalha por aquela ecologia integral tão querida a Francisco. Um percurso e um trabalho apaixonantes, fora dos próprios esquemas, por estradas também impensadas. Certamente, não sem dificuldade, porque não nos conhecíamos e porque somos diversos.

Mas a diversidade é riqueza, assim como o encontro com outras cem associações: assim nasceram sinergias e construíram-se pontes. Inclusive com realidades pequeníssimas: «Mas a minha associação vai em frente com a minha aposentadoria, não temos logótipo nem nada disto», disse-nos um novo amigo. E a Mariápolis quis dar testemunho do bem que também ele pratica. Emergiram deste modo as muitas cidades subterrâneas virtuosas que Roma contém.

Um bem que se multiplicará e uma rede que parece dar razão à intuição que Chiara Lubich escreveu em 1949, encontrando Roma e amando-a: «Muitos olhos iluminar-se-iam com a sua Luz: sinal tangível de que Ele reina aqui (...) a ressuscitar os cristãos e a fazer desta época, fria por ser ateia, a época do Fogo, a época de Deus (...) Não é só um facto religioso (...) Este separá-lo da vida inteira do homem é uma prática herética dos tempos presentes, e um submeter o homem a algo que é menos do que ele e relegar Deus, que é Pai, para longe dos filhos».

**Presidente do movimento dos focolares*

Recebida em audiência a Fraternidade católica carismática

Na manhã de segunda-feira 25 de abril o Papa recebeu uma delegação da Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships, associação internacional de fiéis de direito pontifício que reúne numerosas comunidades carismáticas católicas do mundo inteiro.

Coleta para a Ucrânia a 24 de abril

Celebrou-se no dia 24 de abril em todas as Igrejas o dia especial pela Ucrânia, desejado pelo Papa Francisco para promover uma coleta de ajuda para a população. Um convite a contribuir com generosidade «a fim de garantir a assistência das pessoas mais vulneráveis e feridas nos corpos e nas almas pelas violências» foi lançado pela Congregação para as Igrejas orientais, que «se une, com sentimentos de filial reconhecimento ao apelo» de Francisco. «O renovado gesto de caridade que o Papa pediu — foram os votos do dicastério — desperte a consciência da fraternidade que nos une aos nossos irmãos e irmãs na Ucrânia» e «estimule quantos governam o destino dos povos a promover o respeito pelo direito e a paz».

L'OSSERVATORE ROMANO
EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883675

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.
diretor-geral

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58.00; Europa: € 100.00 - U.S. $ 148.00; América Latina, África, Ásia: € 110.00 - U.S. $ 160.00; América do Norte, Oceânia: 162.00 - U.S. $ 240.00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televendas: 0800-160004, fax: 0055123104203 6, e-mail: ossrom@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A, System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteriadirezionesystem@ilsole24ore.com